

LARES NUPCIAIS, IDÍLIOS FAMILIARES: QUANDO EROS POSTERGA A FRATERNIDADE EM *HELENA*, DE MACHADO DE ASSIS

NUPCIAL HOMES, FAMILY IDYLLS: WHEN EROS POSTS THE FRATERNITY IN *HELENA*, BY MACHADO DE ASSIS

Guilherme Ewerton Alves de ASSIS

Hermano de França RODRIGUES

Resumo: Desde as calendas da mitologia, deuses e heróis se enlaçam, sexual e amorosamente, com outros membros de sua própria consanguinidade – cabe lembrar o himeneu entre Zeus e sua irmã Hera; entre Édipo e sua mãe Jocasta; entre Urano e sua genitora Gaia; e o incesto fraterno entre Cronos e Reia. Arquetipicamente, tais idílios são elementos prófugos para a literatura. Não à toa, afloraram no Realismo Literário, reatualizando-se na poética de grandes nomes da historiografia literária mundial. Infiltrando-se em narrativas realísticas, bem como ultrapassando-as, Sigmund Freud anunciou que as organizações familiares e enlances parentais se deparam, amiúde, com elaborações precárias e papéis parentais claudicantes, de modo que os ímpetos sexuais inconscientes deterioram as meras convenções sociais. Nesse corolário, debruçar-nos-emos sobre *Helena* (1876), escrita por Machado de Assis, uma das vozes mais insignes da literatura brasileira, a fim de vagar pela seara da incestualidade, cuja teatralização põe, em cena, os irmãos Helena e Estácio. Para tanto, recorreremos a textos psicanalíticos, que urdam acerca das dinâmicas familiares (des)ordenadas, relações fusionadas e, obviamente, sobre o incesto.

Palavras-chaves: Literatura brasileira; Psicanálise; Incesto; Machado de Assis.

Abstract: *Since the calendas of mythology, gods and heroes intertwine, sexually and lovingly, with other members of their own consanguinity – it is worth remembering the hymeneus between Zeus and his sister Hera; between Oedipus and his mother Jocasta; between Uranus and his mother Gaia; and the fraternal incest between Cronos and Rhea. Archetypally, such idylls are fugitive elements of literature. No wonder they surfaced in Literary Realism, updating themselves in the poetics of great names in world literary historiography. Infiltrating, as well as surpassing, realistic narratives, Sigmund Freud announced that family organizations and parental ties often encounter precarious elaborations and limp parental roles, so that unconscious sexual urges deteriorate mere social conventions. In this corollary, we will focus on *Helena* (1876), written by Machado de Assis, one of the most distinguished voices in Brazilian literature, in order to wander through the field of incestuality, whose theatricalization puts on stage the brothers Helena and Estácio. For that, we resorted to psychoanalytic texts, which weave about (dis)ordered family dynamics, fused relationships and, obviously, about incest.*

Keywords: *Brazilian literature; Psychoanalysis; Incest; Machado de Assis.*

São irmãos e amam-se. A poesia trágica pode fazer do assunto uma ação teatral; (ASSIS, 1999, p. 151).

1 Introdução

“Mãe: /Abre os olhos ao menos, diz que sim! / Diz que me vês ainda, que me queres. / Que és a eterna mulher entre as mulheres. / Nem a morte te afastou de mim!” (TORGA, 2009, p. 325). O poema *Mãe* é um dos textos presentes no *Diário IV*, do poeta lusitano Miguel Torga. Nos versos, encontra-se um eu-lírico (filho) que suplica pela presença de sua mãe – vislumbra-se, desse modo, a lira desafinada de um rebento edípico que clama ardentemente pelo amor de sua genitora, confidenciando que a deseja mais do que tudo no mundo. Trata-se, aqui, da primeira vivência amorosa do sujeito, podendo, inclusive, ser a única, caso fique enclausurado sexualmente às figuras parentais, tais como mãe, prima, irmã, tia, etc.

Na cosmogonia grega, no princípio e durante muitas eras, existiu o Caos. O mundo era composto por uma massa amorfa, disforme e vazia. Irrompeu-se, nesse ambiente caótico, a Grande Mãe Terra, Gaia, que, sozinha, sem cópula com outro Ser, deu à luz a Urano, o Grande Pai Céu, no intento de que ele pudesse cobri-la. Antes, Urano não estava firmado no alto do universo, mas agarrado, como um embrião, à sua mãe, Gaia. Ambos, mãe e filho, têm relações sexuais ardente e incansavelmente – Urano, como monomaniaco, fixa-se e se funde eroticamente a sua genitora. Seguindo a maldição, Cronos, filho dessa união espúria, castra o patriarca e, por conseguinte, casa-se com sua irmã, Reia, governando durante a Idade Dourada da mitologia. Um dos filhos desse incesto fraterno, Zeus, mata o pai, torna-se imortal, une-se matrimonialmente à sua irmã, Hera, tornando-se a grande divindade do Olimpo. Entrementes, arquetipicamente, os (des)caminhos incestuais estão entranhados e imbricados no seio familiar, desde as calendas da antiguidade.

A literatura, nesse corolário, alberga e acolhe grandes casos de incestos, ora realizados de fato, ora expressos apenas por meio de ímpetos platônicos. Em uma das tragédias mais conhecidas, Sófocles apresenta, aos ávidos espectadores do teatro grego, um enlace que já era de conhecimento da população, o himeneu entre Jocasta e Édipo, mãe e filho, respectivamente. Para tanto, o herói do drama, realizando, inconscientemente, o que já foi prenunciado pelo oráculo, assassina Laio, o seu pai e se casa com a própria mãe. Essa narrativa, um dos mais famosos casos de incesto da historiografia mundial, antropofagicamente e, sob novas vestes e andrajos, transmuta-se e encontra um terreno fértil para aflorar em grandes obras da literatura.

No século XX, o escritor bucólico Raduan Nassar apresenta, em sua obra germinal, *Lavoura Arcaica*, uma vivência de incesto entre dois irmãos, André e Ana, que viviam em uma família patriarcal – tornando a continuidade do idílio impossível. Outrossim, Lygia Fagundes Telles, no conto *Geleia de Maçã*, arquiteta um “amor incestuoso entre mãe e filho. Impotente devido à relação edipiana, o filho se cura após uma semana de amor com a mãe” (FIGUEIREDO, 2020, p. 256).

Embora, faça-se manifesto em quase todas as épocas da literatura, o incesto é afamado no Realismo. Amiúde, as narrativas realistas embebedam o seu enredo com a temática da incestualidade. Em Portugal, Eça de Queirós, uma insigne voz do realismo lusitano, apresenta, em *Os Maias*, um vínculo incestual entre dois irmãos que, separados desde pequenos, reencontram-se na adultez e se apaixonam. Já em *Primo Basílio*, um outro romance eçaniano, Luísa e Basílio, além de terem uma relação incestuosa, substanciam um adultério, uma vez que a protagonista era casada. Ademais, Eça escreve, ainda, contos que pleiteiam o incesto, como o beijo proibido de dois primos, Maria da Piedade e Adrião, em *No moinho*. Na seara literária brasileira, Machado de Assis, um dos nomes mais insignes da prosa realista, publica, entre 1885 e 1886, na revista *A Estação*, o romance *Casa Velha*, cujo enredo é atravessado por um ímpeto incestuoso entre os irmãos Lalau e Félix.

Nessas urdiduras incestuosas, o presente artigo perscrutará o romance machadiano *Helena* (1876), no intento de desnudar o enlace incestuoso entre dois irmãos, Helena e Estácio. Em decorrência do laço amalgamado, dissolvem-se as divisas que circundam os papéis parentais, sobressaindo-se uma paixão erótica. Com efeito, a dupla ora se porta como amantes, ora, fraternamente, como familiares. Para fins metodológicos, recorreremos a escritos que esquadrinham a (des)ordem familiar e que perambulam pelas plagas da incestualidade, sobretudo em Freud (1930) e Thorstesen (2012).

2 A terra nutriz de todos

Cabe esclarecer que o incesto é “uma relação sexual, sem coerção nem violação, entre parentes consanguíneos ou afins adultos (que tenham atingido a maioridade legal), [...] em geral, entre mãe e filho, pai e filha, irmão e irmã” (ROUDINESCO, 1998, p. 372). Em contravenção ao ato, erige-se, totemicamente, a proibição do ato incestuoso. A origem desconhecida do tabu levou muitos pesquisadores a postularem teorias biológicas e socioculturais, ignorando, por vezes, o ímpeto incestual concernente às raízes pulsionais que derivam tanto da natureza, quanto da própria cultura (STEIN, 1978).

Nas sociedades mais arcaicas, o incesto com a mãe, mesmo visto de forma antinatural, não se compara ao horror perante a abjeção de uma união incestuosa fraterna. Segundo Malinowski, irmãos e irmãs, desde a tenra infância, são segregados pela família, com o objetivo de evitar o incesto entre irmãos (MALINOWSKI, 1995 apud STEIN, 1978). A relação “amorosa” entre o pequeno rebento e a sua instância materna é tida, por vezes, como aceitável, posto que há uma necessidade biológica e psíquica de contato corpóreo e troca de afetos. Mas, por outro lado, o incesto, ou apenas troca de carícias entre dois irmãos, é repudiável: “As crianças têm completa liberdade de explorar sua sexualidade, exceto na área afetada pelo tabu entre irmão e irmã” (STEIN, 1978, p. 74).

O tabu sobre o incesto sobrevém, primeiramente, de antropólogos e sociólogos, por meio de três grandes argumentos teóricos que objetivam explicá-lo. Um dos primeiros foi o cientista cultural norte-americano Lewis Morgan, ao urdir a proibição do incesto como uma solução prática que a sociedade assumiu para evitar frutos atroz e efeitos nefastos, decorrentes da união consanguínea. Ulteriormente, o psiquiatra britânico Havelock Ellis (1859 – 1939) e o filósofo Edward Westermack (1862 – 1939) chegaram a pleitear que o interdito incestuoso decorre da abjeção, repulsa e aversão do ser humano frente a um idílio incestual. Por fim, Émile Durkheim (1858 – 1917) consigna que a lei universal contra o incesto seria um ponto nodal para a manutenção de um conjunto de regras da sociedade.

Em Viena, no fim do século XIX, em plena época vitoriana, Sigmund Freud, após alguns de seus primeiros escritos psicanalíticos, como *Estudos sobre a histeria*, percebera que muitas de suas pacientes sofriam, sobretudo, de reminiscências infantis de caráter sexual. Após abandonar a *teoria da sedução*¹, o fundador da psicanálise consigna que o adulto não lembra de sua infância como de fato foi, mas como gostaria que tivesse sido. Ou seja, vários desejos eróticos, que se expressaram na infância, são decorrentes de meras fantasias sexuais. Logo, a teoria psicanalítica pondera que o *inconsciente do ser humano é sexual*.

Ernest Jones, em 1957, publica missivas trocadas por Freud e Marie Bonaparte. Segundo o biógrafo, a princesa testemunha, em um diário, em 1932, que seu filho, Pedro, mandara-lhe uma carta declarando-lhe todo o seu amor, assim como um desejo irrefreável de incesto: “Se eu passasse a noite contigo, talvez isso me curasse” (FREUD apud ROUDINESCO, 1998, p. 373). Marie, um ano depois, escreve a Freud afirmando “que sua

¹ Nos primeiros anos da prática clínica, Sigmund Freud, na análise das histéricas, constatou que estas foram seduzidas e/ou estupradas por pais ou cuidadores na tenra infância. E, com as reminiscências desse acontecimento traumático reverberava, na forma de sintomas, na adultez. No entanto, ao perceber que muitas de suas neuróticas tinham o mesmo discurso, Freud chegou a concluir que, na verdade, elas não eram seduzidas, mas fantasiavam essa sedução.

própria tentação do incesto havia-se extinguido nos braços de seu amante” (ROUDINESCO, 1998, p. 374). A princesa, ainda, solicitou ao pai da psicanálise que lhe esclarecesse a justificativa da proibição universal do incesto. Freud oferece a Marie uma interpretação que justifica o tabu, mas não proíbe o ato em si. O psicanalista, portanto, diz:

Seria possível [...] que alguém que houvesse escapado à influência dos recalques filogenéticos praticasse o incesto sem nenhum prejuízo, mas não há meio de termos certeza disso. Essas heranças, muitas vezes, são mais poderosas do que tendemos a supor, e, além disso, a transgressão é acompanhada por sentimentos de culpa contra os quais somos totalmente impotentes. (FREUD apud ROUDINESCO, 1998, p. 374)

Tal afirmação freudiana à princesa, em 1932, já pudera ser constatada em seu texto *Sobre a mais geral degradação da vida amorosa*, de 1912. Nesse artigo, o mestre vienense urde sobre de uma perturbação sexual, que atinge o psiquismo de muitos homens, avultando para a impotência no sexo, ou seja, “órgãos que executam a sexualidade se recusam ao cumprimento do prazer sexual [...]” (FREUD, 2019 [1912], p. 138), é o que célebre psicanalista vai intitular de *impotência psíquica*. Tal inibição de complexos psíquicos, segundo o pensamento freudiano, seria decorrente, amiúde, de uma “fixação incestuosa não superada na mãe e na irmã” (FREUD, 2019 [1912], p. 138). Essa insuficiência psíquica teria, portanto, como fundamento, uma precarização e/ou uma má formação histórica do desenvolvimento da libido – na tenra infância –, impossibilitando, o sujeito que sofre, de chegar a uma configuração sexual “normal”. Para que a energia libidinal não claudique, faz-se necessário uma fusão de instâncias consideradas indissociáveis: a terna e a sensual (FREUD, 2019 [1912]).

A *ternura* é uma das mais arcaicas correntes com as quais o indivíduo tem contato, uma vez que os pais e os cuidadores, eroticamente, contribuem para os investimentos das pulsões do Ego da criança. O viés *terno*: “formou-se com base em interesses da pulsão de autoconservação e se dirige a pessoas da família e aos responsáveis por cuidar das crianças” (FREUD, 2019, [1912], p. 139, grifo nosso). Obviamente, pode-se haver uma fixação do psiquismo nessa primeira corrente, manter a sua libido dardejada às figuras parentais (pai, mãe, irmã, etc.) e, com efeito, não ter enamoramentos extrafamiliares.

Na puberdade, a ternura atrela-se à corrente *sensual*, cujo conteúdo está aspergido por vivências endógamas infantis: “Parece que ela nunca deixa de *passar pelos caminhos anteriores* e de investir, agora com quantidades libidinais muito mais poderosas, *os objetos da primeira escolha [amorosa] infantil*” (FREUD, 2019 [1912], p. 140, grifo nosso). Em outras palavras, mesmo que o indivíduo esteja na puberdade, os seus desejos sexuais percorrerão caminhos que,

outrora, na tenra infância, já perambularam – obviamente, a mãe e, até mesmo, a irmã, são os primeiros objetos amorosos de um menino, por exemplo. Todavia, assim como ocorrera na infância, erguer-se-ão obstáculos que impossibilitarão a união parental, ou melhor, há uma barreira ao incesto. Como saída, o ser humano procura, externamente o lar, isto é, “encontrar, o mais rápido possível, a passagem desses *objetos inadequados* [familiares] à realidade de outros objetos, estranhos, com os quais se possa levar uma vida sexual real” (FREUD, 2019 [1912], p. 140, grifo nosso). O que o psicanalista afirma é que, em decorrência do tabu do incesto, a união sexual entre familiares se torna um objeto socialmente inadequado e, como escapismo, o organismo procura, desenfreadamente, outros objetos amorosos que lhe são *estranhos*, mas aceitos para uma relação erótica e/ou matrimonial.

A escolha de “outros”, fora da dinâmica familiar pode claudicar ou se tornar precária, dependendo de dois fatores basilares: impedimento real ao incesto e o abandono dos primeiros objetos infantis (familiares). Cumpre salientar que a escolha desses “outros”, externos ao enlace parental, está pulverizada imagética e inconscientemente por traços, modelos e *imagos* dos primeiros objetos amorosos infantis – os genitores e os irmãos (FREUD, 2019 [1912], grifo do autor). Caso a travessia seja realizada adequadamente e a libido se desenvolva, inicia-se o mecanismo para a elaboração da neurose. Todavia, o mais comum é que essas duas condições sejam parcas e flácidas, logo “pode acontecer que toda a sensualidade de um jovem permaneça no inconsciente ligada a objetos incestuosos ou, como também podemos dizer, fixada em fantasias incestuosas inconscientes” (FREUD, 2019 [2013], p. 141).

À revelia, na puberdade, no intento de evitar o incesto, o indivíduo procura objetos sensuais que não precisem, de fato, serem amados, a fim de se manter afastado dos primeiros objetos que receptaram o verdadeiro afeto – figuras parentais recalçadas. No entanto, esse desejo “perdido” vai ser representado e assumido, comutativamente, por uma série de objetos amorosos substitutos que estão entranhados pelos traços desses objetos evitados (recalçados). Em síntese, amiúde, a escolha objetual, fora do âmbito familiar, será precária ou não se realizará, caso a libido não se desenvolva devidamente, ou seja, permaneça direcionada a figuras parentais. Por outro lado, mesmo que ocorra a exogamia, a inclinação objetual amorosa (fora do seio da família), estará, na maioria das vezes, vinculada aos rastros (*imagos*) das parentelas mais arcaicas – mãe, irmã, etc. –, do sujeito.

3 A heresia de Eros perante a fraternidade na pena machadiana

Na Europa, o movimento conhecido como “realista”, veio à tona no período da *Belle Époque*² e, sincronicamente, insurgiram os grandes adventos da Revolução Industrial. Destarte, em 1857, houve a publicação de um romance, *Madame Bovary*, de Flaubert, considerado, pelos críticos, como um germen para o alvorecer do realismo. O Brasil, paralelamente, estava atravessando um cenário repleto de mudanças sociais, econômicas e políticas, entre as quais: abolição da escravatura; crise do sistema monárquico; e, por influências europeias, a sociedade brasileira estava abarcando conceitos cientificistas e positivistas. Assim, gradativamente, o Romantismo brasileiro se tornou, melindroso:

O romântico não teme as demasias do sentimento nem os riscos da ênfase patriótica; nem falseia de propósito a realidade, como anacronicamente se poderia hoje inferir: é a sua forma mental que está saturada de projeções e identificações violentas, resultando-lhe natural a mitização dos temas que escolhe. Ora, é esse complexo ideo-afetivo que vai cedendo a um processo de crítica na literatura dita “realista”. Há um esforço, por parte do escritor antirromântico, de acercar-se pessoalmente dos objetos, das pessoas. (BOSI, 2017, p. 177)

“O ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira [...]” (BOSI, 2017, p. 184). É dessa maneira que Alfredo Bosi inicia, na *História Concisa da Literatura Brasileira*, a sua descrição crítica acerca de uma das vozes mais conspícuas do realismo brasileiro. Trata-se do escritor carioca Machado de Assis. Entre 1870 e 1880, a ficção machadiana já ganha seus primeiros contornos, erguendo-se narrativas como *Contos Fluminenses*, *Histórias da Meia-Noite*, *A mão e a Luva*, *Iaiá Garcia*, entre outras. Nessa esteira, em 1876, publica-se o romance *Helena*, cujo enredo se vale de uma paisagem social composta por burgueses – com influências políticas e econômicas –, para desnudar as vivências, nada catequistas, de uma rica família, junto a seus amigos e agregados (SCHWARZ, 2000).

Primeiramente, no início do texto, há-se a morte instantânea do Conselheiro Vale, um homem de muitas posses e que, em vida, havia cometido várias peripécias que sua família não tinha conhecimento. No testamento, o senhor Vale revela, aos amigos e familiares, que é pai tem uma filha, ou seja, supostamente tivera experiências sexuais fora do seu himeneu e, como fruto, obteve uma menina: “Uma disposição havia, porém, verdadeiramente importante. O conselheiro declarava reconhecer uma filha natural, de nome Helena, havida com D. Ângela da Soledade” (ASSIS, 1999, p. 24). Doravante, o Conselheiro Vale, insistentemente, solicita que a aceitem,

² Um período de grande avanço em muitas áreas da sociedade europeia, como nas artes, ciências e tecnologias.

cuidem-na e a amem “como se de seu matrimônio fosse” (ASSIS, 1999, p. 25). Com tal pronunciamento, parte da família ficou revoltada, à vista de que, com a chegada de Helena, parte dos bens e das posses do falecido patriarca seria repartido para a filha.

D. Úrsula, irmã do Conselheiro Vale, fica espantada com a notícia, não aceitando, de bom grado, a inclusão dessa estranha: “A nova filha era, no seu entender, uma intrusa, sem nenhum direito ao amor dos parentes [...]. A aspereza desses sentimentos tornou-se ainda maior quando lhe ocorreu a possível origem de Helena” (ASSIS, 1999, p. 28). D. Úrsula, como detentora dos bons costumes, não gostava da ideia de que a vida do seu finado irmão fosse maculada com aventuras adúlteras. Do outro lado, temos Estácio, o filho do Conselheiro Vale e sobrinho de D. Úrsula, que, antes mesmo de ver quem era Helena, queria cumprir fielmente o desejo do seu falecido genitor: “Receberei essa minha irmã, como se fora criada comigo” (ASSIS, 1999, p. 33).

Estácio é um personagem típico de uma família burguesa do realismo brasileiro. Recebera uma boa educação, dedicou-se à ciência, recatado e, de certa forma, tímido para enlances amorosos: “[...] passou da adolescência à juventude sem conhecer corrupções de espírito nem as influências deletérias da ociosidade; viveu a vida de família na idade em que outros, seus companheiros, viviam das ruas [...]” (ASSIS, 1999, p. 35). Com a chegada de Helena, a sua meia-irmã, na casa dos Vale, Estácio pôde vislumbrar peripécias que, outrora, enquanto sozinho, não pudera: “[...] a ideia de ter uma irmã sorria-lhe ao coração como promessa de venturas novas e desconhecidas” (ASSIS, 1999, p. 37). Estácio, enamoradamente, já percebera na figura de sua irmã “aventuras” que lhe foram negadas, quando criança (ou antes da chegada de Helena). Desse modo, os laços fraternais lhe garantem passagens a atos que, até então, estavam apenas em suas fantasias. Helena, repleta, de forma inconsciente, de *imagos* parentais, leva Estácio a perceber, que: “Entre sua mãe e as demais mulheres, faltava-lhe essa criatura intermediária, que ele já amava sem conhecer, e que seria a natural confidente de seus desalentos e esperanças” (ASSIS, 1999, p. 40). Logo, vale observar um apego de Estácio ao seio familiar, fazendo-o, inclusive, a lembrar o seu primeiro amor, a mãe. Helena, por seu turno, como uma irmã, seria uma ponte idílica, a qual Estácio iria atravessar, entre a figura materna e as outras mulheres. Assim, mãe e irmã, como as primeiras escolhas amorosas endógamas, são projeções imagéticas para as escolhas exógamas:

Constatamos que, dependendo do modo como a incestualidade circula nos inter-relacionamentos familiares, pode haver comprometimento da progressão dos filhos na direção de escolhas exogâmicas. Nesse sentido, incestualidade e escolhas exogâmicas são aqui consideradas

noções interdependentes e complementares. (THORSTENSEN, 2012, p. 13).

Sigmund Freud também já havia fusionado os desejos incestuosos inconscientes dos primeiros amores com as rotas objetais extrafamiliares: “Quem tiver de ser realmente livre e, com isso, também feliz na vida amorosa precisa ter superado o respeito à mulher e estar apaziguado com a ideia do incesto com a mãe ou irmã” (FREUD, 2019 [1912], p. 145). Isto é, o sujeito só desenvolve libidinalmente e se enlaça de forma satisfatória, caso faça travessias e, assim como aceite que seus objetos outros (“outras mulheres”) estão carregados por traços de sua figura materna ou fraterna, realizando, indiretamente, um incesto. No enredo, Helena seria essa figura que *une* o passado com o futuro: *ligando os amores mais arcaicos do personagem, a mãe de Estácio (vivência edípica), às outras mulheres fora da instância parental.*

Com o tempo, a paixão proibida dos irmãos, sobretudo de Estácio para com a irmã, fora se alastrando: “Estácio cedeu de todo, e era fácil; seu coração tendia para ela, mais que nenhum outro” (ASSIS, 1999, p. 42). Doravante, Estácio vivenciara com a sua irmã as aventuras que tanto desejara. Ambos se valem desses percursos hípicas, para experienciarem, inconsciente e indiretamente, as núpcias, posto que, com os passeios a cavalo, conhecem-se profundamente: “Estácio acompanhou-a, a passo lento, como solicitado por dois sentimentos diferentes: a afeição que o prendia à irmã, e a estranha impressão que ela lhe fazia sentir” (ASSIS, 1999, p. 55). Estácio, ainda: “[...] gostava de ver o airoso do busto e a firma serenidade com que ela conduzia o animal” (ASSIS, 1999, p. 56). Helena, por seu turno, também incitava eroticamente o irmão, despertando-lhe ainda mais o interesse: “Helena enfiou o braço no do irmão e desceram à chácara” (ASSIS, 1999, p. 45).

Com o tempo, o casal de irmãos encontrou, um no outro, as suas verdadeiras *almas gêmeas*³, a outra metade que lhes faltava: “Helena pareceu-lhe naquela ocasião, mais do que antes, o *complemento* da família” (ASSIS, 1999, p. 46). E, ainda: “O que ali faltava era justamente o gorjeio, a graça, a travessura, um elemento que temperasse a austeridade da casa e lhe desse todas as afeições ao lar doméstico. *Helena era esse elemento complementar*” (ASSIS, 1999, p. 46, grifo nosso). Em um outro trecho, Camargo, um amigo da família, viera a declarar a Helena: “A senhora veio completar a alma de seu irmão” (ASSIS, 1999, p. 78). Enquanto Estácio era terno, tímido, opaco e recatado; Helena, por sua vez, era o extremo oposto, *mas um*

³ Em *O Banquete*, Platão, através de Aristófanes, conta que, no princípio, o ser humano era unitário e inteiro. Todavia, Zeus e outros deuses, ao perceberem as reverberações nefastas que o indivíduo *uno* poderia causar, cortaram os humanos ao meio, no intento de deixá-los mais fracos. Com efeito, a vida do organismo passou a ser uma eterna busca pela alma gêmea que fora cortada.

complemento do irmão. Por meio de um enclausuramento familiar, justifica-se toda essa simbiose e desejo e unidade parental:

Mas a família não quer ceder o indivíduo. Quanto maior for a coesão dos membros da família, mais frequentemente eles tenderão a se apartar dos outros, e mais dificilmente ingressarão no círculo mais amplo da vida. O modo de vida em comum que é filogeneticamente mais antigo, o único existente na infância, defende-se da superação por aquele posteriormente adquirido, cultural. A separação da família torna-se para todo jovem uma tarefa [...]. (FREUD, 2010 [1930], p. 43)

Para o indivíduo, apartar-se dos familiares e perambular por terrenos que lhe são estranhos, tornam-se tarefas árduas e algozes, à vista de que a própria família dificulta o êxodo amoroso. Apesar dos interditos culturais, inconscientemente, a amálgama erótica entre irmãos, primos e genitores, torna-se o fundamento em que se ergue a sociedade. Assim, podemos afirmar que: “O amor que fundou a família continua ativo na civilização, tanto em seu cunho original, em que não renuncia à satisfação sexual direta, como em sua modificação, a ternura inibida na meta” (FREUD, 2010 [1930], p. 43). O aprisionamento dos membros em um claustro familiar, alavanca os (des)caminhos do incesto, pois há um atravessamento de amores: *Storge* (amor familiar) e *Philia* (amor entre amigos) se tornam claudicantes e se prostram diante de *Eros* (amor carnal):

O desleixo com que na linguagem se usa a palavra “amor” tem uma justificação genética. Chama-se “amor” a relação entre homem e mulher, que fundam uma família tendo por base as suas necessidades genitais; mas também são amor os sentimentos positivos entre pais e filhos, entre os irmãos numa família, embora tenhamos que descrever tal relação como amor inibido em sua meta, como ternura. (FREUD, 2010 [1930], p. 43)

Os amores entre Estácio e Helena, portanto, ficam difusos, amiúde, pendulando entre amante e irmão – a fraternidade claudica, a ternura se avulta e Eros posterga a proibição. Pelo tabu do incesto, o matrimônio da dupla não se realiza, todavia, ambos, albergados em uma mesma casa, portavam-se, fantasiosamente, como marido e esposa: “[...] admirava a solícitude da irmã, a ordem e o cuidado com que ela o auxiliava. [...]. Era assim que as horas se passavam na intimidade mais doce, e que a recíproca afeição ia excluindo toda a preocupação alheia” (ASSIS, 1999, p. 57). Portanto, um romance consanguíneo se desenlaça no enredo, posto que as funções familiares estão com suas barreiras esfaceladas:

[...] em certas famílias, as fronteiras entre alguns, ou mesmo entre todos os membros, aparecem como tênues e facilmente transpostas. Há uma espécie de deslizamento sem obstáculos de um ser para o outro, uma indiferenciação psíquica entre eles. As diferenças anatômicas entre os sexos são desenfáticas, as diferenças entre as gerações são diluídas e, em decorrência, as funções na família não são claramente demarcadas. [...] costuma-se chamar essas famílias, alternadamente, de “simbióticas”, “aglomeradas”, “fusionadas”, “indiferenciadas”, entre outros nomes que denotam um embaralhamento entre os seres, uma falta de nitidez de seus contornos. (THORSTENSEN, 2012, p. 14)

A relação entre os irmãos estava tão simbioticamente difusa, que Estácio não sabia mais se portar, simplesmente, como um irmão. Mas, o conúbio inconsciente entre os dois estava tão visceral e fusionado que, no irmão-marido, despertava ciúmes quando a irmã recebia algumas missivas: “Helena a ler atentamente um papel. Era uma carta, longa de todas as suas quatro laudas escritas. Seria alguma mensagem amorosa? Esta ideia molestou-o muito. [...]. A ideia de que Helena podia repartir o coração com outra pessoa desconsolava-o, ao mesmo tempo que o irritava” (ASSIS, 1999, p. 69). Estácio, agora, encontra-se como um *ciumento delirante*⁴, pois, mesmo que não lhe desse motivos, sua irmã, o objeto de sua incestualidade, poderia ser expurgada violentamente por outros homens (ou pelo tabu da sociedade). Contudo, Helena, assim como Estácio, estava comprometida com aquele enlace fraterno proibido, declarando, abertamente o seu amor ao irmão:

– Helena, disse ele, você me ama.

A moça estremeceu e corou vivamente; olhou em volta de si, como assustada, e pousou as mãos nos ombros de Estácio. Refletiu ela no que disse depois? É duvidoso; mas a voz, que nessa ocasião parecia concentrar todas as melodias da palavra humana, suspirou lentamente:

– Muito! Muito! Muito!

Estácio empalideceu. A moça recuou um passo, e, trêmula, pôs o dedo na boca, como a impor-lhe silêncio. A vergonha flamejava no rosto. (ASSIS, 1999, p. 68)

Como se vê, embora interdito, a dupla, sexual e incestualmente, deseja-se. Contudo, a fim de evitar conflitos sociais, Helena, com toda a sua influência afetuosa, conduz Estácio para um noivado com a filha de Camargo, Eugênia. Certo dia, Estácio, a noiva e Camargo viajam e, assim que chegaram à casa da parenta, o protagonista, mesmo noivo, redige, apaixonadamente,

⁴ O ciúme é um dos estados afetivos que, como o luto, podem ser designados como normais. Quando parece estar ausente no caráter e na conduta de alguém, justifica-se concluir que sofreu uma forte repressão e, por isso, tem um papel tanto maior na vida psíquica inconsciente. Os casos de ciúme anormalmente intenso, encontrados na análise, mostram-se constituídos de três camadas. Esses estratos ou estágios do ciúme podem receber os nomes de: 1) competitivo ou normal; 2) projetado; 3) delirante. (FREUD, 2018 [1922], p. 131).

uma missiva para a Helena, cujo conteúdo perambula pelos terrenos incestuais: “Quando esta carta te chegar às mãos, estarei morto, morto de saudades de tia e de ti. *Nasci para os meus, para minha casa*, para os meus livros, os meus hábitos de todos os dias. Nunca o senti tanto como agora que estou longe do que há de ser mais caro neste mundo” (ASSIS, 1999, p. 93, grifo nosso). Com essa declaração de Estácio, pode-se observar, inicialmente, a lembrança nostálgica e a ardência erótica de sua alma gêmea, a irmã. Outrossim, nessa confissão, o protagonista declara que nasceu *para* os de sua casa, não para os estrangeiros. Por conseguinte, todos os seus afetos eram direcionados para os seus familiares e, nesse caso, à irmã. Esse (des)caminho em prol dos parentes é “[...] um fenômeno inerente à natureza humana e à família. [...] é tanto constitutivo e constituinte do humano como psicopatológico, algo, portanto, de que o humano sofre [...]” (THORSTENSEN, 2012, p. 15).

Aproximando-se do final da narrativa, Helena, após perceber que seu irmão iria se casar com Eugênia, enlaça-se, por intermédio do padre Melchior, com Mendonça, um amigo de Estácio. Obviamente, este último fica irritado e angustiado diante desse futuro matrimônio de sua irmã, pois isso significaria, ao mesmo tempo, uma perda irreparável do seu objeto de amor. Nessa esteira, o padre, ao perceber os percalços que o protagonista estava colocando para impedir o casamento de sua irmã, conversa seriamente com Estácio, desnudando tudo o que estava oculto. Assim, o padre convida Estácio para uma saleta e, em um diálogo epistemológico, o clérigo traz à tona o que Estácio (des)conhecia: “Teu coração é um grande *inconsciente*; agita-se, murmura, rebela-se, vaga à feição de um instinto mal expresso e mal compreendido. O mal persegue-te, tenta-te, envolve-te em seus liames dourados e ocultos; *tu não o sentes, não o vês*” (ASSIS, 1999, p. 124, grifo nosso). Logo, ao se ter em vista essa declaração sacerdotal, cumpre dizer que o desejo incestuoso de Estácio era *inconsciente*, o qual o protagonista não notara, mas, por meio de *sintomas*, como afagos desmedidos e ternuras exacerbadas à irmã, o capelão, análogo a um psicanalista, percebera em seu analisando. A afirmação de Melchior: “Tu amas tua irmã” (ASSIS, 1999, p. 125), causara horror em Estácio, pois isso era trazer à consciência o (des)conhecido, ou melhor, Estácio estaria perante a (in)familiaridade do *retorno do recalcado*.

Doravante, o pároco, em uma amálgama de psicanálise e religiosidade, continua dirigindo palavras a Estácio e, sincrônica e angustiadamente, arrastando o que lhe estava inconsciente: “O que a consciência deste ignorava, sabia-o o coração, e só lhe disse naquela hora solene. *A consciência, depois de tatear nas trevas, recuo apavorada, como afastando de si o clarão súbito que acendera nela a palavra do sacerdote*” (ASSIS, 1999, p. 127, grifo nosso). Após uma longa mudez, o protagonista pronuncia, timidamente, uma réplica cujo sentido era

que: “ele não cria na revelação de Melchior, que o suposto sentimento era absurdo e desnatural que só a maus instintos devia ser atribuído” (ASSIS, 1999, p. 127). Como um analisando, em um *setting* psicanalítico, fica horrorizado perante o que estava inconsciente e lhe foi explicado, Estácio também estava. Todavia, Melchior percebera o trabalho da *repressão*, afirmando: “Não era aquilo mesmo um *protesto de consciência* honrada?” (ASSIS, 1999, p. 129, grifo nosso). Tratava-se, aquela, de uma transgressão inconsciente do tabu do incesto, e o clérigo percebera isso: “[...] um desvio da lei social e religiosa, mas desvio inconsciente. Entra em teu coração, Estácio; resolve-lhe os mais íntimos recantos, e lá, acharás esse gérmen funesto; lança-o fora de ti [...]” (ASSIS, 1999, p. 135). A partir de então, o protagonista, através de uma autoanálise, passou a esquadrihar o próprio coração (inconsciente) e percebeu “o que até então era para ele como um livro fechado” (ASSIS, 1999, p. 143). Evidentemente, a metáfora do *livro fechado* significa que afetos incestuosos haviam sido represados e, desde então, permaneciam enclausurados pelas “capas e contracapas”, do inconsciente.

Apesar de Estácio, ao longo do enredo, demonstrar-se mais apaixonado por sua amada irmã, o padre Melchior, como espectador desse teatro trágico, aos moldes de Sófocles, percebera que a irmã do protagonista ardia, incestualmente, de amores tanto quanto: “Helena não saberá que ama, mas ama. Ora, um amor clandestino, de parceria com esse outro *amor incestuoso*, embora inconsciente [...]” (ASSIS, 1999, p. 153, grifo nosso). Da mesma forma que ocorria com Estácio, Helena também era apaixonada, inconscientemente, pelo seu irmão – assim a personagem não poderia perceber, em si mesma, que estava enclausurada a um idílio proibido. É de referir que o padre Melchior, nessa laboriosa análise do casal de irmãos, porta-se como um sujeito que permite as travessias de Estácio e de Helena, ajudando-os a arredar do inconsciente, o que não poderiam fazer sozinhos. O clérigo, destarte, é um “investigador exato e profundo de [...] sentimentos mais recônditos e inacessíveis” (ASSIS, 1999, p. 157).

No fim, revela-se que Helena não era filha biológica do Conselheiro Vale, mas fora criada e cuidada por ele, ou seja, a personagem não era irmã legítima de Estácio. Após esse imprevisível clímax, a paixão incestuosa que, enquanto eram “irmãos”, ardia; agora, sem o tabu do incesto, acabara – sem o gozo proibido, o gozo permitido não existe. Entrementes, cumpre-nos dizer que interditos e proibições, como a interdição do incesto, aguçam, subversivamente, os próprios ímpetus incestuosos. Consoante Freud, a contenção cultural da vida amorosa traz danos, posteriores, à própria vida sexual dos indivíduos. Todavia, caso houvesse liberdade plena em gozar, também ocasionaria efeitos nefastos na sexualidade. Logo, caso não existissem alguns interditos que barrassem a satisfação completa, a necessidade sexual declinaria: “Ela precisa de um obstáculo para impelir a libido às alturas [...] [logo] a importância

psíquica de uma pulsão aumenta com seu impedimento” (FREUD, 2019 [1912], p. 148). Ou seja, tabus, como o da proibição do incesto, ao mesmo tempo em que refreiam, incitam o desejo.

Conclusão

Perquirimos postulados antropológicos e históricos acerca do incesto, assim como do seu arcaico tabu. Doravante, valendo-nos dos vocábulos psicanalíticos, depreendemos, dos termos freudianos, que o germen dos desejos incestuosos inconscientes provém da tenra infância: de libido má desenvolvida, de castrações precárias e rotas exógamas claudicantes. Posto isso, debruçamo-nos sobre o romance machadiano *Helena*, desnudando os ímpetos incestuosos latentes em dois irmãos, Estácio e Helena. Inicialmente, o que deveria ser apenas uma ternura fraterna, tornou-se um idílio proibido entre parentes. Ao longo da narrativa, os irmãos e, sobretudo, Estácio, mostram-se apaixonados um pelo outro, no entanto, em decorrência do tabu incestuoso, não poderiam selar o romance.

Posta a barreira, ambos começam a viver como marido e esposa, em um matrimônio, na maneira como se portam e agem um para com o outro. Ulteriormente, em uma conversa secreta, o padre Melchior revelara a Estácio, o que havia percebido: himeneu transgressivo com sua irmã. O capelão afirma que os desejos incestuosos dos irmãos eram, na verdade, inconscientes, e que, mesmo que a consciência negasse, lá se fazia preponderante. Por fim, descobre-se que Helena não era irmã biológica de Estácio e, simultaneamente, a flama erótica, que o tabu avultava, adormece.

Referências

ASSIS, Machado. *Helena*. Porto Alegre, RS: L&PM, 1999.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2017.

CHEMAMA, Roland. Incesto. In: CHEMAMA, Roland. *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

FIGUEIREDO, Eurídice. Narrar o incesto: luto e melancolia. In: FIGUEIREDO, Eurídice. *Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

FREUD, Sigmund (1930). *O mal-estar na civilização e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1912). Sobre a mais geral degradação da vida amorosa. In: FREUD, Sigmund. *Amor, sexualidade, feminilidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

FREUD, Sigmund (1922). Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade. In: FREUD, Sigmund. *Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018.

FREUD, Sigmund (1913). *Totem e tabu: algumas correspondências entre a vida psíquica dos selvagens e a dos neuróticos*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. Incesto. In: ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

STEIN, Robert. *Incesto e amor humano: a traição da alma na psicoterapia*. São Paulo: Edições Símbolo, 1978.

THORSTENSEN, Sonia. *Incestualidade: um páthos familiar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

TORGA, Miguel. *Diário – Vols. I a IV*. Porto Alegre: Dom quixote, 2009.

CREDECIAIS

GUILHERME EWERTON ALVES DE ASSIS

Graduando em Letras – Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduando em Filosofia pela Universidade Cruzeiro do Sul. Técnico profissionalizante em Psicologia Clínica e Comportamental (CEPED). **Endereço eletrônico:** guilhermeewerton10000@gmail.com.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8606450392344888>

HERMANO DE FRANÇA RODRIGUES

Doutor em Letras – Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Psicanálise: Teoria e Prática pelo Espaço Psicanalítico (EPSI). Professor Associado I, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (UFPB) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFPB). **Endereço eletrônico:** hermanorgs@gmail.com.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7615268087421599>

Recebido em: 20/06/2021

Aceito para publicação em: 12/07/2021